
A Ciência na Sciencia: homeopatia versus alopata no periódico brasileiro oitocentista (1847–1848)

Science ins Sciencia: homeopathy versus allopathy in the 19th Century Brazilian periodical (1847-1848)

La Ciencia em la Sciencia: homeopatia versus alopata em el periódico brasileño em la década de 1800

Karla Rodrigues Mota

Instituto Federal de Goiás
karla_mota@msn.com

Suzana Lopes de Albuquerque

Instituto Federal de Goiás
sujalopes@hotmail.com

Resumo

A presente proposta insere-se no campo da história do conhecimento científico e tem por objetivo compreender quais concepções acerca das ciências estavam presentes no cenário brasileiro do século XIX, principalmente no campo da medicina alopata e da homeopatia. Para tanto, optou-se por utilizar como fonte de pesquisa o periódico Sciencia, cuja circulação se iniciou em 1847 com o intuito de divulgar a homeopatia à elite intelectual do Rio de Janeiro, capital do império. Os autores de tal publicação fizeram uso de inúmeros conceitos científicos para embasar a permanente defesa da homeopatia como nova ciência médica. Almejando o livre ensino da medicina homeopática, defendiam a Teoria Vital ou Vitalismo, vislumbrando a igualdade das inteligências e, portanto, a igualdade na condição de cura pelos “semelhantes”. Essa discussão fundamenta-se na análise de impressos com base principalmente no trabalho de Luchese (2014) e na obra de autores que, como Luz (2013), tratam do cenário da medicina imperial brasileira. Essa análise permitiu vislumbrar que o período imperial oitocentista brasileiro esteve permeado de disputas no campo da constituição das ciências em suas diferentes concepções políticas, filosóficas e educacionais.

Palavras-chave: Fonte Impressa. Teoria Vital. Império brasileiro.

Abstract

The present proposal is part of the History of Scientific Knowledge and aims to understand which conceptions about the sciences were present in the Brazilian scenario of the 19th century, mainly in the field of allopathic medicine and homeopathy. In order to do so, we was decided to use the Sciencia Periodical as a search of research homeopathy, which was published since 1847 with the intention of divulging the homeopathy to the intellectual elite of Rio de Janeiro, capital of the empire. The authors of this publication have made use of innumerable scientific concepts to support the permanent defense of homeopathy as a new medical science. By aiming for the free teaching of homeopathic medicine, they defended the Vital Theory or Vitalism by envisaging the equality of the intelligences and, therefore, an equality in the condition of healing by their "peers". This discussion is based on the analysis of printed works mainly with the work of Luchese (2014) and also authors that approach the Brazilian imperial medicine scenario, for example, Luz (2013). This analysis allowed us to glimpse a 19th Century Imperial Brazilian period permeated by disputes in the field of the constitution of the sciences in their different political, philosophical and educational conceptions.

Keywords: Printed font. Vital Theory. Brazilian empire.

Resumen

La presente propuesta se inserta en el campo de la Historia del Conocimiento Científico y presenta como objetivo comprender qué concepciones acerca de las ciencias estaban presentes en el escenario brasileño del siglo XIX, principalmente en el campo de la medicina alópata y de la homeopatía. Para ello, se optó por utilizar como fuente de investigación el periódico Sciencia cuya circulación empezó en el 1847 con el propósito de divulgar la homeopatía a la elite intelectual de Río de Janeiro, capital del imperio. Los autores de tal impreso hicieron uso de innumerables conceptos científicos para basar la permanente defensa en torno a la homeopatía como nueva ciencia médica. Al desear la libre enseñanza de la medicina homeopática, defendían la Teoría Vital o Vitalismo vislumbrando la igualdad de las inteligencias y por lo tanto una igualdad en la condición de curación por los "semejantes". Esta discusión se fundamenta en el análisis de impresos principalmente con el trabajo de Luchese (2014) y aún autores que abordan el escenario de la medicina imperial brasileña como Luz (2013). Este análisis permitió vislumbrar un período imperial del 1800 brasileño impregnado de disputas en el campo de la constitución de las ciencias en sus diferentes concepciones políticas, filosóficas y educativas.

Palabras clave: Fuente impresa. Teoría Vital. Imperio brasileño.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo principal investigar as publicações científicas do periódico oitocentista brasileiro *Sciencia* sob o prisma das práticas homeopáticas no Brasil Império. Como objetivo secundário, pretende-se estabelecer uma comparação da homeopatia com a alopatia, praticada pela medicina tradicional, a partir do resgate histórico à luz do referido impreso.

A revista *Sciencia* tinha como principais autores os médicos homeopatas Dr. Bento Mure e Dr. João Vicente Martins e iniciou suas publicações em 1847,

no Rio de Janeiro, transitando dentre a elite médica e intelectual brasileira durante o século XIX. As matérias do impresso permeavam os mais diversos campos do conhecimento científico e tinham como um dos objetivos apresentar e defender a homeopatia à elite intelectual carioca e, conseqüentemente, brasileira.

Nesse artigo foram analisadas as vinte e cinco primeiras edições do referido periódico, impressas entre os anos de 1847 e 1848. Esse restrito recorte temporal decorre da limitação do acesso *online* aos exemplares, visto que apenas as referidas edições foram digitalizadas e disponibilizadas pelo site da Hemeroteca Digital¹². Segundo Luz (2013), o referido periódico circulou até o ano de 1849¹³, contudo a escassez de pesquisas que tenham o impresso como objeto principal de estudo, não permite precisar seguramente o motivo e o período de encerramento de suas atividades.

Os discursos emanados pelos autores da revista *Sciencia* foram analisados a partir das concepções de Luchese (2014), autora que demonstra a importância de se utilizar impressos como fontes históricas bem como os desafios metodológicos no trato com esses documentos. A autora aborda a necessidade de compreender o sentido das informações grafadas e, principalmente, os fatores que impulsionaram e culminaram na divulgação de tais conteúdos para a sociedade naquele momento histórico.

Dessa forma, a proposta desse artigo não se restringe ao simples ato de agregar informações soltas e produzir uma “nova história”. O ofício do pesquisador deve ser permeado pela perspectiva da construção de “um discurso, uma narrativa que vai sendo entrecortada por notas e citações. Dialogando com outros autores, mas especialmente com documentos da época, o texto produzido é apropriação da palavra do outro, à sua maneira, para dar sentido ao seu próprio texto” (LUCHESE, 2014, p. 153).

¹² A Hemeroteca Digital faz parte da Fundação Biblioteca Nacional, uma instituição cujo objetivo é coletar, conservar e disponibilizar em formatos digitalizados grande parte do patrimônio documental brasileiro.

¹³ Informação dada pela autora sem grandes explicações em sua trigésima segunda nota de rodapé.

À vista de tais colocações, fez-se necessário expandir a pesquisa para além das informações contidas na *Scientia* visando compreender quais contextos científico, político e histórico circunscreveram tais publicações. Tal pesquisa apresentou um caráter interdisciplinar transitando pelos campos da História, Medicina, Farmacologia, Química, Física, Filosofia e Educação, recorrendo à inúmeros referenciais teóricos para fundamentar as problemáticas. Dentre tais fontes, torna-se necessário destacar a obra “A arte de curar *versus* A ciência das doenças”, de Madel Therezinha Luz, que apresenta uma riquíssima discussão sobre história da homeopatia em solo brasileiro.

Esse artigo discute as bases científico-filosóficas que fundamentaram as duas formas de se tratar enfermidades existentes no século XIX: a homeopatia alicerçada no campo essencialista e a alopatia sustentada pelos pilares do positivismo e do materialismo. Apresenta também os embates políticos, científicos e filosóficos que fomentavam as discussões entre a antiga e a nova medicina defendida pelo periódico.

Vale ressaltar que na escrita desse artigo foram utilizados recortes integrais da revista para a exemplificação. Com o intuito de garantir a originalidade bem como evitar possíveis erros de conversão, optou-se por manter integralmente a grafia original e o português da época. Inicialmente, este fator pode tornar um pouco complicada tanto a leitura quanto a compreensão dos textos oitocentistas, porém assegura ao leitor a veracidade dos conteúdos emanados pelo periódico.

É notório salientar, também, que esta pesquisa apresenta um *corpus* documental riquíssimo e lança um olhar singular sobre o periódico, principalmente nas reflexões sobre as discussões e embates intelectuais do Império brasileiro. A proposta deste escrito é abrir o leque das fontes históricas utilizadas para reconstruir a história científica brasileira, demonstrando que os mais diversos documentos produzidos por uma sociedade podem fomentar a produção historiográfica bem como os alicerces da ciência.

a Ciência na *Scientia*: racionalismo versus essencialismo.

Com a vinda da Família Real para o Brasil, no início do século XIX, a ciência brasileira começou a dar seus primeiros passos. Após este marco,

foram fundadas inúmeras instituições de cunho científico nos grandes centros urbanos brasileiros da época, como Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, que “além de centro político tornou-se centro cultural e científico da nova nação” (DANTES, 2005, p.27).

Grande parte destes estabelecimentos da primeira metade do século XIX tinham relação com a área da Saúde, como é o caso do Colégio Médico da Bahia (1808), Sociedade de Medicina (1828) e Escola Médica do Rio de Janeiro (1832). Deste modo, pode-se presumir que o início da produção científica brasileira teve suas raízes atreladas aos estudos da área da Saúde e o seu espaço geográfico tinha como sede, basicamente, o grande polo urbano brasileiro do século XIX, o Rio de Janeiro.

A revista *Scienzia* surgiu dentro deste quadro de germinação científica e foi impressa pela Typographia Universal de Laemmert¹⁴, no Rio de Janeiro. Tal impresso apresentava como foco de discussão o embate entre homeopatia e alopatia. Tais elementos, na maioria das vezes, constituíam-se como tema central dos artigos e, em outras situações, faziam plano de fundo para as discussões científicas serem desenroladas.

Pode-se depreender que o periódico era destinado às classes mais “intelectualizadas” do Rio de Janeiro, visto que os autores utilizavam escrita rebuscada em suas matérias; faziam uso de inúmeros conceitos científicos, tanto das Ciências Naturais quanto das Ciências Humanas; inseriam muitos termos em latim e orientavam suas falas, predominantemente, à classe médica.

A *Scienzia* tinha por objetivo apresentar e defender a homeopatia à elite brasileira pois, de acordo com os autores, esta moderna forma de medicação resumia toda a inovação científica. A primeira edição, fundamentada na ciência, na razão e na religião, foi impressa em julho de 1847. Esse primeiro volume apresentava a compreensão idealizada e fabulosa que os médicos homeopatas

¹⁴ Segundo Bittencourt (2004), a editora dos irmãos Laemmert estava entre as três editoras em destaque até 1855. A editora “surgiu da iniciativa de Eduard Laemmert, nascido em Baden e chegou ao Brasil como sócio da firma do livreiro francês Bossange. Em 1838 resolveu criar sua própria firma e associou-se ao seu irmão Heinrich. (...) A E.Et.H. Laemmert foi praticamente a substituta da Tipografia Nacional, nova denominação da Imprensa Régia” (BITTENCOURT, 2004, p. 482).

brasileiros tinham de si, apresentando-se aos seus interlocutores como pesquisadores desbravadores da verdadeira ciência médica.

A primeira capa do periódico apresenta inúmeros elementos que denotam a forte influência dos ideais iluministas sobre os médicos homeopatas brasileiros. Aqui, também, torna-se necessário ressaltar bem como esclarecer que a revista foi intitulada como “A SCIENCIA” seguida pelo subtítulo “REVISTA SYNTHETICA DOS CONHECIMENTOS HUMANOS” apenas nesta primeira edição. As vinte e quatro publicações posteriores do impresso, a qual tivemos acesso, foram apresentadas como “SCIENCIA”, sem o artigo “a”. Esta mudança no título não é justificada pelos autores do impresso.

Na página de abertura tem-se a representação de um ser dotado de asas descobrindo o “Brazil” ao mesmo tempo que o ilumina com os reflexos de um espelho, pressupondo uma tentativa dos autores em transmitir a ideia de que, pela revista *Sciencia*, seriam disseminadas as luzes da homeopatia sobre árido o solo dominado pela tradicional medicina alopática brasileira.

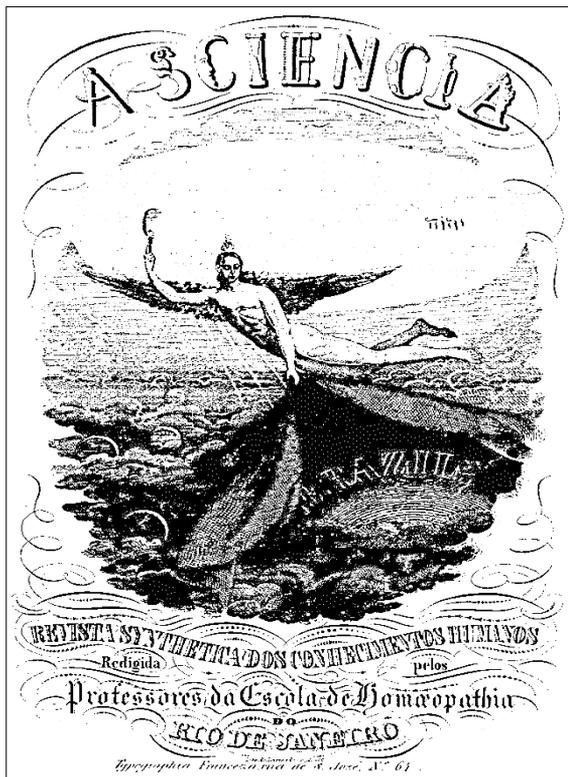


Figura 1 - Capa da primeira edição da revista *Sciencia*, publicada no Rio de Janeiro, em 1847.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Após uma leitura exploratória do periódico observa-se que, para os autores da revista, a homeopatia era uma ciência de cunho espiritual, pois trabalhava com a essência das substâncias e não com a matéria. Daí a aproximação entre ciência e religião, pois, segundo os autores, “o methodo de inducção, a lenta observação dos factos, eis tão somente os unicos e ultimos recursos deixados ao espirito do homem para comprehender as maravilhas da criação [...]” (SCIENCIA, 1847, nº 1, p. 2).

Ao longo de todas as matérias observa-se imensa veneração por Samuel Hahnemann, cientista alemão considerado o “pai da homeopatia”. Segundo Luz (2013), Hahnemann inovou o campo da ciência médica fazendo uma oposição entre os medicamentos pautados na matéria e os medicamentos pautados na essência, distinguindo “*organismo material*” da “*força vital*”. Sua teoria defendia a existência de uma energia vital, essencialmente imaterial que atuaria como força propulsora do corpo físico, capacitando-o para a execução das funções orgânicas e fisiológicas.

Puramente material, o organismo não se poderia subtrahir à acção das forças phisicas e chemicas a que é submettida a materia bruta. Ora, vemos o organismo reagir contra os agentes destruidores, contra causas morbidas que o acometem, as combater, as repellir, e muitas vezes as vencer na luta. É portanto preciso que este organismo possua uma força que não pode existir na materia, de uma força que seja uma cousa differente da que amateria; é a *força vital*, cuja exitencia é sufficientemente provada tanto pelos actos physiologicos como pelas aberrações pathologicas (SCIENCIA, 1847, nº 3, p. 43).

Compreendendo as ideias de Hahnemann e a revolucionária Teoria Vital, também chamada de *Vitalismo*¹⁵, encontramos o embasamento dos autores para fundamentar a concepção da homeopatia como uma ciência essencialista, na qual o medicamento homeopático apresenta em sua constituição uma espécie de uma “centelha divina”. Isto posto, pode-se

¹⁵ Segundo Japiassú e Marcondes (2006), o vitalismo é uma “doutrina que considera que existe em cada indivíduo, como ser vivo, um princípio vital que não se reduz nem à alma ou à mente, nem ao corpo físico, mas que gera vida por meio de uma energia própria (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 279).

depreender que o periódico *Sciencia*, além de difundir a homeopatia, também se constituía como instrumento defensor e disseminador da ideia científica de Deus como promotor da vida:

Desde que aprouve a Deos fazer-me conhecer que na verdade existia a sciencia de curar, e desde que me foi possivel compreender que, além de suave maneira por que essa sciencia podia conservar e prolongar a vida, ella em suas doutrinas aproximava as sciencias humanas á divina sciencia; lia nas letras sagradas os seus preceitos e regras; falquejava, por assim dizer, da velha cortiça bichosa e carcomina do materialismo até ao coração o lenho santo da sciencia unica possivel, o Christianismo; desde que nas substancias inertes vi que pelos processos desta nova arte de curar se desenvolvião, se manifestavão propriedades dynamicas as mais enérgicas, provando que nada existe no mundo privado de uma tal ou qual vida, subtil, incorporea, espiritual, divina; desde que argumentos tirados destes phenomenos physicos poderão ser pelo meu entendimento confrontados com as luzes da revelação [...] (SCIENCIA, 1847, n°4, p. 72-73).

Em oposição a esse caráter religioso e espiritualista, os autores apresentavam conceitos e discussões relacionados à Química e à Física com intuito de enfatizar que estas vertentes científicas, base da medicina alopática, fundamentavam-se em outros pilares: o racionalismo e o positivismo.

Ao longo da revista, os vocábulos racionalismo e positivismo, assim como seus derivados, apresentavam-se como sinônimos da expressão *materialismo*, conceito que segundo o Dicionário Básico de Filosofia encontra suas bases dentro da filosofia clássica a qual reduz a realidade à matéria, negando concepções relacionadas à alma e à possibilidade “de um mundo espiritual ou divino cuja existência seria independente do mundo material” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 181).

Pode-se reconhecer que o periódico fundamentava-se não apenas em um aglomerado de intelectuais discutindo a implantação da homeopatia no Brasil Império, mas também, como ferramenta política e educativa, pois tinha o objetivo de instruir e disseminar conhecimento. Deste modo, justifica-se a utilização de uma revista de homeopatia como fonte de investigação para uma pesquisa acadêmica que vislumbra reconstruir a história do conhecimento científico brasileiro, pois mesmo a *Sciencia* não se tratando de um livro didático de Ciências Exatas do século XIX, era um

instrumento de divulgação e discussão dos conceitos no campo instrucional de disciplinas como Química e Física em voga na época.

A disputa no campo científico: homeopatia versus alopatia

A Homeopatia inseriu-se no Brasil durante a década de 1840 por meio do médico francês Benoit Jules Mure¹⁶ (1809 – 1858), um homeopata que compreendia a doutrina de Hahnemann como a “ciência da arte de curar”. Defendia uma medicina homeopática extremamente rígida, que atendesse rigorosamente aos padrões “hahnemannianos”. Formou-se na Europa e buscou propagar seu conhecimento no Brasil a partir da ministração de cursos, promovendo a formação de futuros médicos homeopatas e, conseqüentemente, a formação de novos discípulos de Hahnemann (AZEVEDO, 2008).

Galhardo (1928) apresentou um trabalho no 1º Congresso Brasileiro de Homeopatia tecendo inúmeros elogios ao ilustre homeopata Dr. Mure enquanto um indivíduo de vasta inteligência, simpatia e capaz de conquistar admiradores facilmente. Característica que possibilitou a “exposição dos princípios da nova doutrina médica, formando rapidamente discípulos entre os cultos médicos do Rio de Janeiro” (GALHARDO, 1928, p. 279).

Para o autor, Dr. Bento Mure era um “privilegiado no manejo da penna” (GALHARDO, 1928, p. 279), pois além de atuar como médico, era um escritor militante do periódico *Sciencia*, sendo de sua autoria inúmeros artigos, dentre eles a primeira matéria impressa no periódico. Nesta matéria, o “privilegiado” homeopata apresentou a revista, destacou o caráter inovador de suas informações e conclamou os leitores para a compreensão desta revolucionária forma de medicação; em sua visão,

eis aqui porque nós, os primeiros, nos atrevemos a publicar um escripto periódico, ornado o frontispício com o nome subjugante e sagrado de *Sciencia*; eis porque nos atrevemos a

¹⁶ O trabalho de Vojniak (2012) apresenta a vinda do Dr. Mure ao Brasil detalhando sua interlocução com o periódico *Sciencia*.

anunciar denotadamente que a obra encyclopedica pode ser empregada com visos de bom êxito, e que a intelligencia humana possui um reflexo minguido; porem fiel d'esta sciencia primitiva, quinhão de seu estado anterior de pureza e de grandiosidade. A escola homeopathica do Brasil, este centro único, hoje consagrado ao ensino integral da doutrina pura de Hahnemann, envida na actualidade os seus esforços para satisfazer o programa herculeo compreendido nesta palavra única. Oxalá que o Brasil possa compreender a importância de uma obra até aqui sem modelo, e que não terá talvez prosseguidores, quando ella for completa! A análise dos cursos desta escola, que não subsiste sinão pela dedicação dos professores, e pelo entusiasmo dos discipulos, constituirá o cimento desta publicação, para qual todos os medicos contribuem com um tão brilhante contingente que me não pertence apreciar nesta occasião [...] (SCIENCIA, 1847, nº1, p. 1, grifo do autor).

Esta ousada forma de praticar a medicina encontrou grande resistência no Brasil imperial visto que a corporação médica brasileira, fortalecida após a independência na década de 30, constituía-se como grupo detentor e representante tanto do saber científico quanto da capacidade de curar. Este processo de centralização de poder por parte dos médicos denominados “verdadeiros” foi intensificado com a fundação das Escolas e Faculdades de Medicina, em 1832, e com a criação da Academia Imperial de Medicina no Rio de Janeiro, em 1835.

Para os autores do periódico, estas poderosas e influentes instituições acadêmicas constituíram-se de um organismo disseminador de ideias que visavam impedir bem como menosprezar a ciência médica de Hahnemann, relegando aos indivíduos praticantes da homeopatia a imagem de “charlatões” e de “figuras indesejáveis de hábitos e moral duvidosos” (LUZ, 2013, p. 81-82).

Tais médicos institucionalizados pertenciam a uma camada social elitizada encontrando-se, portanto, preenchidos e orientados por um “sentimento aristocrático” predominante na sociedade imperial. Situação que justifica o fato destes sujeitos permanecerem fortemente atrelados ao aparelho estatal, estando em suas mãos “o poder da direção no que diz a respeito à ordenação da saúde da sociedade, uma vez que se viam e eram vistos como os que tinham o *monopólio do saber médico*” (AZEVEDO, 2008, p. 12, grifo do autor).

Unidas, a Academia Imperial de Medicina e a Faculdade de Medicina promoveram inúmeras ações dificultadoras da prática homeopática, das

quais as mais ferrenhas e efetivas foram: o impedimento da institucionalização das Faculdades Homeopáticas, impossibilitando o ensino oficial da homeopatia; e a criação de leis que asseguravam a exclusividade da prática médica apenas pelos graduados na Faculdade de Medicina (LUZ, 2013). Essa situação encontrou-se frequentemente destacada na revista, na qual, em forma de desabafo, os autores denunciavam que

[...] elles atacão o valor de nossos certificados e desabonão o saber de nossos alumnos. Elles pretendem que é um crime ensinar e aprender a doutrina de Hahnemann. Assim entendem que os que estudarão a homeopathia jámais devem aspirar pratica-la, e que o seu exercicio só é permittido aos que estudarão a allopathia. Esta pretensão absurda não merece uma discussão séria, já foi sufficientemente refutada quando lhes perguntei se um professor de sânscrito tinha o direito de ensinar portuguez ou hespanhol, e se alguma lei humana podia prohibir ao Chinez o uso de sua lingua materna. Espero que semelhantes sofismas não se reproduzão mais (SCIENCIA, 1848, n° 6, p. 104).

Observa-se que o movimento de inserção da homeopatia no Brasil foi complexo, apresentando grande resistência dos médicos tradicionais. Contudo, Luz (2013) afirma que os embates travados durante toda a década de 1840 entre médicos homeopatas *versus* médicos alopatas situam-se muito mais no campo político do que no campo científico:

Trata-se de uma disputa concorrencial de saberes com características similares (medicina científica) pelos espaços de poder disponíveis. É claro que esses espaços são basicamente os da produção e reprodução do conhecimento (Escola Médica, Academia), os da prática de intervenção (hospitais, enfermarias, dispensários) e da própria população vista como espaço coletivo de intervenção (corpo social) (LUZ, 2013, p. 87).

Transitando por estes embates, o periódico *Sciencia* buscava difundir dentro da elite carioca as concepções e a defesa dos ideais da medicina homeopática, “esta última recém-chegada, privilegiada entre todas as sciencias, e o dom mais precioso que a Providencia poude fazer ao mundo” (SCIENCIA, 1847, n°1, p. 1). Dentre os vários argumentos utilizados, pautavam-se na ideia de que esta “privilegiada” ciência, fundamentada na essência, encontrava-se em um patamar muito mais evoluído e muito mais

próximo de Deus do que os outros campos científicos, incluindo a medicina alopática tradicional.

Alopatia: a medicina legitimada e amparada pelo governo oficial

Vieira (2013) define o racionalismo cartesiano como conhecimento humano em oposição à fé cega, não podendo ser revelado pela religião. Esta forma de produzir conhecimento carece de uma fundamentação em fonte racionalmente válida e segura, valendo-se da dúvida metódica como instrumento investigativo. Tais pressupostos são os fundamentos do racionalismo positivista, que concebe o homem como uma tábula rasa no qual são impressos os conhecimentos adquiridos a partir das experiências com o mundo externo, utilizando a filosofia como “um instrumento metodológico de análise do discurso científico” (VIEIRA, 2013, p. 167).

O racionalismo emanado pelo Século das Luzes foi um movimento que caracterizou-se pela crítica às crendices religiosas e por considerar que o conhecimento científico, por si só, poderia elevar a qualidade da vida humana tanto individual quanto socialmente.

De acordo com Luz (2013), para os médicos homeopatas do século XIX, a alopatia teria suas bases fundamentadas nesse racionalismo cartesiano e no materialismo positivista, compreendendo a vida como um resultado mecânico das leis regentes da matéria. Concepção duramente criticada pela revista *Sciencia*, uma vez que seus autores, filosoficamente essencialistas, iam na contramão desse racionalismo, pautando-se na dimensão do vitalismo hahnemanniano.

Será necessario hoje combater o *materialismo da escola antiga*¹⁷? Qual o homem de senso que, depois de ter reflectido um instante, poderá persuadir-se de que a vida seja o resultado do jogo dos órgãos? É mister para adoptar semelhante systema que o homem, no seu immenso orgulho, julgando sem limites sua intelligencia tão limtada, nada queira

¹⁷ Expressão utilizada pelos autores do periódico *Sciencia* na qual relacionavam a medicina alopática à uma técnica/ciência ultrapassada. Portanto, neste trabalho, ao longo das citações diretas da revista e das discussões aqui apresentadas, lê-se a expressão “*escola antiga*” e “*medicina antiga*” como sinônimo de alopatia e/ou medicina tradicional.

admitir que não possa compreender, quando tudo para elle, e a redor d'elle, é mysterio. Esta força vital que admittimos, sem duvida não podemos cromptehender e como ella existe; porém, onde ha um efeito, deve haver, e certamente ha, uma causa. (SCIENCIA, 1847, n° 3, p. 43, grifo nosso).

Dentre as oposições lançadas à medicina tradicional, observa-se também duras críticas ao seu caráter mecanicista. Segundo Japiassú e Marcondes (2006) a Filosofia Mecanicista surgiu no século XVII fundamentada em Galileu, Descartes e Newton, compreendendo a natureza como uma máquina, um instrumento em funcionamento. Por consequência, para todos os fenômenos naturais existentes, deveria haver uma explicação relacionada à matéria em movimento, compreensão fortemente refutada pelos homeopatas.

Segundo Luz (2013), as asserções homeopáticas eram vistas como um disparate e ilógicas pela medicina tradicional, uma vez que seus mecanismos terapêuticos não poderiam ser comprovados experimentalmente pelos postulados de Newton. Contudo, os autores da *Sciencia* não dependiam tanto de tais teorias, característica que pode ser observada em uma matéria que enfatizava as formulações desenvolvidas do Sr. doutor Major José Victorino dos Santos, professor de Física da Escola Homeopática do Brasil. Em tal publicação, Dr. Mure afirma e destaca que “a môr parte das idéas emittidas por elle, tem feito fortuna no mundo e *abalado as theorias newtonianas*, que encontrão hoje tanta duvida quanto foi o entusiasmo que excitarão outrora”. (SCIENCIA, 1847, n° 1, p. 2, grifo nosso).

De acordo com a visão dos discípulos de Hahnemann do século XIX, a medicina clássica era uma ciência falsa e já ultrapassada. Eles compreendiam que a alopatia deixava de focar sobre o doente e sua melhora para conjecturar e filosofar sobre a origem e causa das doenças, como resultado os médicos alopatas caíam em uma discussão voltada, em primeira instância, para a teoria e deixavam em segundo plano a real busca pela cura (AZEVEDO, 2008).

Compreende-se, portanto, o fato de existir inúmeras matérias dentro do periódico destacando a ineficiência das técnicas alopáticas na cura de doenças, ressaltando o agravamento do quadro do paciente ou, até mesmo, a sua morte. Os autores da revista denunciavam que tais situações não eram investigadas devido os médicos tradicionais serem respaldados pelo governo oficial.

Um dia, chamado a toda pressa, o Sr. Proença vai à casa de um doente desconhecido que reclama seus socorros. Elle administrou-lhe um glóbulo de aconito¹⁸ para dividir em duas doses e retirou-se. Algumas horas depois o doente morreu. Há nisto um crime, um suicídio, um destes ataques repentinos e imprevistos que acommettem o homem de repente? Todas estas suposições são possíveis e podem ser alegadas. Milhares de factos destes tem acontecido no Brasil, e infelizmente não tem chamado a attenção das autoridades; mas se a autoridade dorme nestes casos, é poque a allopathia é a medicina official governativa (SCIENCIA, 1848, nº 6, p. 102).

Em uma publicação de dezembro de 1847, intitulada “A allopathia destruída pelos allopathas”, os escritores da *Sciencia* buscaram demonstrar, de forma extremamente audaciosa, o atraso científico da medicina tradicional. Em seu primeiro parágrafo, alertavam ao interlocutor que a matéria era um chamamento e uma provocação aos médicos tradicionais para uma “luta científica mais séria”, na qual denunciariam ao “mundo intelligente” a “obscuridade” das terapias materialistas.

Os autores iniciaram o texto criticando a “theoria da inflammação” e a “pratica das emissões sanguineas”, esta última também conhecida por sangria¹⁹, recurso refutado com vigor pelos médicos homeopatas, sendo associado à técnicas bárbaras e ultrapassadas. Visando construir um embasamento teórico contundente, o artigo elencou diversos estudos criticando tal prática, dentre eles o “Ensaio de Hematologia”, de Mr. Andral, apresentado à *Academia das Sciencias de Paris*, no qual o estudioso detectou um aumento considerável de fibrina no sangue de humanos e animais após a sangria, afirmando que a elevação da taxa desta substância encontrava-se totalmente relacionada com o grau de inflamação do indivíduo.

A partir das duras críticas lançadas à alopatia, depreende-se que os autores do impresso tinham por intuito denunciar o paradoxo existente

¹⁸ Segundo Levy (2000), acônito é uma planta com nome científico *Aconitum napellus* que, “pertencente à família das Ranunculaceae, é possuidora de uma das mais perigosas substâncias conhecidas, a Aconita” (Levy, 2000, p. 8).

¹⁹ A sangria trata de uma prática terapêutica na qual promove-se um corte em um vaso sanguíneo, fazendo com que o sangue extravase e seja descartado. De acordo com Dantas (2013), a sangria constituía-se de um recurso, uma arte da cirúrgica, “sendo uma atividade manual [...] que lidava diretamente com sangue” (DANTAS, 2013, p. 1).

dentro da prática tradicional. Segundo os críticos homeopatas, a Academia Imperial de Medicina e a Faculdade de Medicina buscavam justificar a relevância de suas terapias sobre os pilares científicos mais modernos da época mas, na prática, acabavam por realizar uma prática médica arcaica e ineficaz. Tratava-se, para eles, de uma medicina

[...] sem unidade, sem princípios fixos, fundada sobre hypotheses ora humoristas, ora químicas, ora mecanicas, sobretudo essencialmente materialista, a medicina antiga devia desmoronar-se ao menor sopro do vento da verdade que o Céu tem feito, pelo órgão de Hahnemann, descer sobre a terra (SCIENCIA, 1847, nº 2, p. 1).

A partir da leitura das vinte e cinco edições iniciais do periódico *Sciencia*, observa-se a denúncia dessa contradição como característica marcante da medicina alopatia. Para os autores da revista, tratava-se de uma ciência que, mesmo pautada estritamente na razão, nas teorias newtonianas e no materialismo, não conseguia se desenvolver, nem acompanhar a evolução das diversas bases científicas que utilizava como respaldo teórico. Destarte, os autores demonstravam ao leitor que a prática médica alopatia preocupava-se muito mais em se debruçar em discussões teóricas e filosóficas sobre as doenças, ao invés de agir efetivamente numa cura eficaz.

A ruptura homeopática via Dr. Mure

A homeopatia ganhou ares de organização no Brasil após Dr. Mure apoiado por Dr. João Vicente Martins fundarem em sociedade o *Instituto Homeopático do Brasil* no ano de 1843 e a *Escola Homeopática do Brasil*, em 1845. Estas duas instituições disseminariam e socializariam a nova arte de curar, promovendo a formação de homeopatas a partir de “um plano de estudos independente daquele seguido pelas faculdades médicas” no qual o conteúdo ensinado “seria diverso daquele proposto pela medicina clássica, formando médicos capazes de clinicar livres dos princípios norteadores da clínica alopatia” (AZEVEDO, 2008, p. 26).

Assim como Dr. Bento Mure, Dr. João Vicente Martins foi um escritor atuante no periódico *Sciencia*, o teor de seus artigos objetivava familiarizar os ideais de Hahnemann dentro da sociedade intelectual do Rio de Janeiro. Procurando impulsionar a aceitação desta terapia e embasar os escritos do periódico, os textos dos diversos autores circulavam entre diferentes

campos, ora fazendo discussões científicas, ora se aproximando de questões de caráter religioso, ora trazendo dados estatísticos que explicitavam a eficácia desta nova ciência médica.

A revista apresentou inúmeras matérias evidenciando a capacidade curativa dos medicamentos homeopáticos. Por meio de vários textos, os autores demonstravam como esta “moderna forma de tratamento” conseguiria promover a melhora do paciente. Outra forma de propagandar a ciência de Hahnemann, encontrada pelos autores, era demonstrando que a homeopatia executada no Brasil encontrava-se muito mais evoluída do que em outros países, para isso utilizavam como elementos comparativos a quantidade de pacientes, de boticas e de médicos praticantes.

Estamos convencidos que a homeopathia brasileira é mais adiantada teoricamente e praticamente do que a da Europa, mas nem por isso deixamos de reconhecer os progressos feitos pelos nossos rivaes de ultra-mar. Achamos nelles um motivo de nobre emulação para os homeopatas brasileiros, e por isso apressamo-nos de os communicar aos nossos leitores afim que os possuão aproveitar em proveito dos seus doentes e escurecer por progressos e descobertas ainda mais importantes (SCIENCIA, 1847, nº 4, p. 33).

Pautados nos padrões de referência europeus, os médicos homeopatas traziam estas informações para o impresso, executando, assim, duas ações fundamentais: demonstravam que estavam a par das técnicas europeias e evidenciavam a alta taxa de melhora dos pacientes alcançadas a partir desta medicina, conforme pode ser observado na Figura 2.

| Resultados Estatísticos dos tratamentos nos Hospitais Homeopáticos. | | | | | | | | |
|--|--------------------|----------|------------|----------------------------|---------|-------------------------|------------------------|--|
| HOSPITAES. | Numero de Doentes. | Curados. | Melhorado. | Não curados ou in-curavel. | Morrão. | Trasidos já moribundos. | Ficando em tratamento. | Proporção dos trasidos aos mortos, tirando os que foram trasidos moribundos. |
| Hospital Homeopathico de Güns. | 733 | 666 | 40 | 5 | 29 | 47 | 44 | 4 1/3 0/0 |
| Hospital Homeopathico de Gyongyos. | 274 | 249 | 44 | 7 | 44 | 45 | 5 | 4 2/5 |
| Hospital Homeopathico de Leipsick. | 4665 | 4393 | 297 | 127 | 457 | 34 | 69 | 3 1/4 |
| Hospital das Irmãs da misericordia em Vienna. | 5464 | 4744 | » | 89 | 267 | 33 | 64 | 5 1/3 |
| Hospital militar de Vienna, experiencias. | 43 | 32 | » | 5 | 4 | » | 6 | 2 1/2 |
| Hospital Militar de Tulzyn, experiencias de Herm. | 165 | 144 | » | » | 6 | » | 18 | 1 1/2 |
| Hospital de Infantaria de S. Petersburgo. | 409 | 370 | » | 4 | 46 | » | 12 | 1 1/4 |
| Hospital de Munich. | 242 | 230 | 44 | » | 6 | » | » | 2 |
| Termo mediõ. | | | | | | | | 4 1/2 0/0 |

Figura 2 - Dados estatísticos dos tratamentos homeopáticos realizados em hospitais homeopáticos de diversas localidades do mundo.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Segundo Teixeira (1997), para a medicina homeopática o estado de saúde ou de doença estaria intimamente relacionado a um desequilíbrio da *força vital* do indivíduo, também chamada de energia vital ou dinamismo vital, uma compreensão de que existiria um princípio imaterial permeando os seres vivos sendo responsável pela harmonia no funcionamento do organismo.

Sendo assim, o que determinaria a vitalidade ou a morte seria o grau de equilíbrio ou desequilíbrio energético do paciente, respectivamente. Esta compreensão difere-se completamente do embasamento mecanicista da “antiga doutrina” fortemente criticada pelos autores da revista.

A homeopathia é uma doutrina vitalista; ella repele as acções cuimicas e physicas, únicas hoje ainda admitidas pelo materialismo da antiga doutrina, e revela leis puramente espiritualistas; ella proclama o dynamismo vital. Hahnemann, afastando a idéa de toda acção directa do medicamento como meio curativo, não reconhece como força curativa unica senão os esforços da natureza provocados pelo medicamento; deste princípio resulta que a lei therapeutica é a reacção vital (SCIENCIA, 1847, n^o2, p. 23).

Na homeopatia a percepção de vida está para além de “uma agregação molecular semelhante áquella que une os corpos chimicos, e que os physiologistas, em todos os seus tratados, suppoem existir” (SCIENCIA, 1847, n^o2, p. 24). A concepção *vitalista* de Hahnemann comunga para uma visão extremamente oposta, na qual a vida é compreendida como um sistema composto de corpo físico, energia vital e espírito racional, cabendo aos medicamentos reequilibrar o dinamismo vital e devolver “ao ser humano um organismo são, sensível e livre para servir a causa deste espírito que poderia conduzi-lo a qualquer fim” (TEIXEIRA, 1997, p. 7).

Partindo do princípio de que os medicamentos homeopáticos agiriam na dimensão energética do indivíduo e não em seu corpo físico, apresentando uma relação muito mais próxima do espírito do que com a matéria, o periódico publicou um artigo em seis de março de 1848, intitulado “Reverendos Vigarios e mais dignos sacerdotes”, buscando convencer a comunidade religiosa dos tratamentos homeopáticos. O autor João Vicente Martins expôs ao longo de seu escrito inúmeros trechos bíblicos em latim, evidenciando o domínio das “ciências divinas” aos seus interlocutores. No mesmo artigo, o autor buscou aproximar as ações realizadas dentro do espaço religioso das ações realizadas pelos medicamentos homeopáticos:

A vós, em cujas mãos depositou Deos, por via do seu delegado na terra, o thesouro inesgotavel de remedios espirituaes contra as doenças da nossa alma, a vós que sois o sal da terra, nos entregamos nós para que nos presteis a força que nos falta, para que nos sirvais de estrella conductora : a fim de que ponhamos á disposição dos miseros enfermos o thesouro tão rico dos remedios homeopathicos, tambem tão despojados de materia, que bem se pôde dizer delles que são quasi espirituaes (SCIENCIA, 1848, n° 7, p. 121).

Dessa forma, a análise do periódico *Sciencia* possibilitou perceber a grande influência das concepções iluministas sobre os médicos homeopatas brasileiros que, imbuídos dos ideais essencialistas de Hahnemann, defendiam com tenacidade a emancipação do indivíduo, no qual a razão seria o instrumento para a conquista da sua capacidade de expressar e pensar por si próprio. Pautados nestes princípios almejavam a liberdade plena para a execução da sua ciência homeopática.

Considerações finais

Após a análise do periódico *Sciencia* observa-se claramente a influência das concepções iluministas sobre o campo da Medicina brasileira oitocentista bem como a crítica aos princípios essencialmente racionalistas e metódicos que descaracterizavam a liberdade do sujeito e a sua capacidade de expressão.

Esse escrito possibilitou caracterizar a alopatia e a homeopatia em campos de estudos fundamentados em pilares distintos: a primeira prática apresentando forte influência do positivismo e do racionalismo, e a vertente homeopática alicerçada sobre uma filosofia imaterialista, embasada na *teoria vital* de Hahnemann. Esse antagonismo fomentou os escritos do periódico *Sciencia* e sob esse prisma os autores explicitavam a discrepância entre as duas medicinas, procurando aproximar a homeopatia do campo espiritual e a alopatia, do material.

Mesmo tratando de uma medicina fortemente espiritualista, os autores do periódico *Sciencia* visavam converter os seus leitores por meio do uso das teorias científicas da época, buscando evidenciar que a homeopatia também tinha respaldo teórico no campo científico. Esta via de argumentação servia, também, para demonstrar que os médicos homeopatas conheciam e engendravam-se ao conhecimento aceito como científico na época.

Destarte, a década de 1840 refletiu dentro do campo médico-científico intensos embates entre matéria *versus* essência, homem *versus* “Deos”, academicismo *versus* emancipação. Uma disputa que se encontrava para além do campo científico, estando em jogo também a influência política e ideológica sobre a efervescente sociedade carioca.

O processo de destrinchar as informações contidas no impresso e, principalmente, a tentativa de realizar um enquadramento teórico e filosófico dos médicos homeopatas demonstrou o quão complexo era o cenário científico do século XIX. Os cientistas desse período eram muito “integrais” e “completos”, conseguindo versar em um mesmo texto sobre os mais diferentes campos do conhecimento, que hoje encontram-se segmentados, apresentando a sua concepção de ciência em um discurso fluido, longe dos padrões atuais assentados no afunilamento do conhecimento.

Tornou-se desafiador tomar como objeto de estudo uma revista na qual os mais variados fundamentos teóricos e os diferentes campos do saber encontravam-se intimamente relacionados. Contudo, encaramos como instigador e provocador o processo de tentar rascunhar o caminho das produções científicas elaboradas há dois séculos. Dessa forma, saber detectar as impressões dos autores, o *vir a ser*, as informações científicas e filosóficas que apareciam de forma quase que vaporosa dentro das matérias, constituiu-se de um trabalho árduo e complexo, porém não menos prazeroso.

Percebemos que apesar de os médicos homeopatas redatores do periódico terem travado uma oposição ao materialismo e ao positivismo em voga na época, eles não refutaram seus princípios em sua completude, sendo localizados alguns movimentos tanto de aproximações quanto de rupturas, além de uma intensa capacidade de transitar teoricamente por diferentes conhecimentos científicos apontando para a não-necessidade de se engessarem em uma vertente filosófica de forma exclusiva.

De acordo com os autores do periódico e fundamentados nas afirmações de Luz (2013), observamos que a homeopatia se apresentava como uma terapia muito mais humana, que buscava tratar o indivíduo como um todo e não exclusivamente a doença, como acontece na alopatia. É compreensível que se tratava de uma proposta excêntrica, atuante em questões muito mais próximas da metafísica do que da matéria, sendo notória, também,

a tentativa dos discípulos de Hahnemann em buscar consolidar a homeopatia como uma medicina eficaz bem como torná-la aceita como prática terapêutica na comunidade intelectual da época.

Nas inúmeras leituras e releituras das matérias impressas, tornava cada vez mais clara a máxima já afirmada por vários historiadores de que o desenvolvimento científico não se encontra desvinculado das condições políticas. Assim, ao fim deste trabalho restaram inúmeras inquietações, dentre elas a problematização sobre a recusa da homeopatia pela sociedade brasileira, os fundamentos das acusações lançadas a ela por “não apresentar embasamento científico” e o motivo do não convencimento da elite política e médica da época por parte dos homeopatas.

O diálogo com esta fonte histórica, longe de trazer respostas fechadas, conclusões inequívocas, bem como a evidenciação de um panorama científico homogêneo e harmônico, resultou em uma condição oposta, do qual emergiram inúmeros desdobramentos a serem respondidos por trabalhos futuros. Todavia, tornou-se claro para nós que a *Sciencia* e a ciência homeopática não estavam fundamentadas em faces do conhecimento segmentadas em “partes”, mas sim em uma articulação entre diferentes saberes já produzidos pela humanidade.

Referências

AZEVEDO, L. O. *Um império e duas medicinas: a introdução da homeopatia no Brasil na década de 1840*. 2008. 54 f. Monografia (Bacharelado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BITTENCOURT, C. M. F. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 475-491, 2004.

DANTAS, R. A. Sangradores do império: a arte da sangria no rio de janeiro oitocentista. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPHU, 17, 2013, Natal. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História (online)*. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364488084_ARQUIVO_texto.pdf>. Acesso 17 Jun. 2017.

DANTES, M. A. M. As ciências na história brasileira. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 1, p. 26-29, 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso 05 Feb. 2017.

GALHARDO, J. E. R. *História da Homeopatia no Brasil, tese ao 1º Congresso Brasileiro de Homeopatia*. Rio de Janeiro: Editora do Instituto Hahnemanniano do Brasil, 1928.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

LEVY, G. G. K. *A parte boa dos venenos*. 2000. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Faculdade de Ciências da Saúde do Centro Universitário de Brasília, Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

LUCHESE, T. Â. Modos de fazer história da educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais. *História da Educação*, Santa Maria, v. 18, n. 43, p. 145-161, 2014.

LUZ, M. T. *A arte de curar versus a ciência das doenças: história social da homeopatia no Brasil*. 2. ed. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2013.

TEIXEIRA, M. Z. *Concepção Vitalista de S. Hahnemann*. 1.ed. São Paulo: Robe Editorial, 1997.

VIEIRA, R. S. Três modelos de racionalismo. *Revista Alpha*, Patos de Minas, n. 14, p. 163-174, 2013.

VOJNIAK, Fernando. *O império das primeiras letras: uma história da institucionalização da cartilha de alfabetização no século XIX*. 2012. 328f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

Fontes Documentais

SCIENCIA, Revista do Instituto Homeopático do Brasil, Rio de Janeiro, 1847. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=730076&pesq>> Acessado em: 23 mai. 2017.

SCIENCIA, Revista do Instituto Homeopático do Brasil, Rio de Janeiro, 1848. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=730076&pesq>> Acessado em: 23 mai. 2017.